

As concepções sobre o feminismo entre adolescentes do Bairro do Sumaré – Sobral - CE

Maria Inês de Oliveira Sousa
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
ines.sol1@hotmail.com

Andrea Abreu Astigarraga – Orientadora
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
aas.tigarraga@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca compreender de que maneira as adolescentes entre 15 e 18 anos do Bairro do Sumaré na cidade de Sobral/CE concebem o feminismo, a situação de opressão das mulheres, o entendimento que elas têm sobre as históricas lutas feministas e como elas reagem/resistem a isso. A metodologia da pesquisa foi qualitativa, através da pesquisa-ação. O procedimento metodológico utilizado foi uma oficina pedagógica. Constatamos que as adolescentes inicialmente possuíam conhecimentos baseados no senso-comum e percebiam a partir das suas experiências concretas os sinais de opressão machista, por mais que não conseguissem compreender suas raízes. Após nossa intervenção pedagógica, elas passaram a valorizar e mostraram compreensão de que seus direitos atuais só foram possíveis devido à luta de mulheres e movimento feministas ao longo da história.

Palavras-chave: Feminismo; Dominação masculina; Adolescentes.

ABSTRACT

This article seeks to understand how adolescents between 15 and 18 years of Sumaré District in the city of Sobral - CE conceive of feminism, the situation of women's oppression, the understanding they have about the historical feminist struggles and how they react / resist it. The research methodology was qualitative, through action research. The methodological procedures used were an educational workshop. We note initially that the youth possessed knowledge based on common sense and perceive from their concrete experiences signs of sexist oppression, however they could not understand their roots. After our educational intervention, they began to appreciate and show understanding of their current rights was only possible due to the struggle of women and feminist movement throughout history.

Keyword: Feminism; Male domination; Teens.

1. Introdução

A história da humanidade, pelo menos desde o momento em que surgiu a divisão em classes sociais, é a própria história da segregação e estratificação dos diferentes setores sociais. Os preconceitos de classe, raça, orientação sexual, religião, entre outros

são funcionais em menor ou maior grau para a manutenção do *status quo*. A opressão de gênero não é diferente.

A maneira como as mulheres foram marginalizadas ao longo dos séculos impressiona. Utilizou-se de todo tipo de argumento espúrio para mantê-las afastadas da vida pública e submissas ao homem na vida privada. Desde a argumentação religiosa até a argumentação biológica, muitos filósofos, pensadores, juristas, entre outros se esforçaram para manter as mulheres a largo de uma vida digna, autônoma e emancipada.

Embora o último século tenha visto o avanço de ideias progressistas que tentam colocar a mulher em pé de igualdade de direitos com o homem, os setores mais reacionários ainda buscam omitir as lutas e conquistas históricas que permitiram às mulheres ocuparem os seus espaços. Este discurso tenta convencer de que a luta das mulheres chegou ao fim, que devido os importantes avanços conquistados com as leis que as protegem não existe mais espaço de luta e de avanços. Desta maneira este discurso tenta alcançar um duplo objetivo. Primeiro, esconder que tais vitórias são resultado de lutas históricas. Segundo, impedir que o movimento feminista ganhe espaço diante das reivindicações contemporâneas das mulheres.

Neste contexto então, o nosso trabalho busca estudar de que maneira as adolescentes concebem as conquistas históricas das mulheres e suas perspectivas de conquistas posteriores. Acreditamos que este trabalho seja de extrema importância, principalmente devido os elevados índices de violência contra a mulher, com destaque para aqueles que ocorrem nos setores mais empobrecidos da população. Sabemos também que a própria causa da violência contra a mulher é a ainda arraigada ideia na nossa sociedade de que as mulheres ainda são propriedades, de alguma maneira, dos homens.

Nosso trabalho foi desenvolvido com adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, que estudam na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Carmosina Ferreira Gomes, residentes no Bairro do Sumaré, na periferia da cidade de Sobral/CE.

2. Referencial teórico

2.1. Feminismo

Falar de feminismo é abordar as lutas e as bandeiras que as mulheres defendem por seus direitos perante uma sociedade patriarcal e conservadora. O feminismo é um marco histórico que ajudou a mulher a compreender-se enquanto sujeito diante da sociedade. Faludi (1991) destaca:

O feminismo pede que o mundo finalmente reconheça que as mulheres não são elementos decorativos, *biscuits* preciosos, membros de um “grupo de particular interesse”. Elas são merecedoras de direitos e de oportunidades, tão capazes de participar dos acontecimentos mundiais quanto os homens. O programa feminista é muito simples: pede que as mulheres não sejam forçadas a “escolher” entre justiça pública e felicidade privada. Pede que as mulheres sejam livres para definir a si mesmas - em lugar de terem a sua identidade definida pela cultura e pelos homens que as cercam (1991, p. 22).

Não é fácil falar de feminismo. Principalmente quando se toca no assunto dentro das escolas. Entendemos que este tema seja marginalizado pelo fato das escolas estarem mais preocupadas com notas, vestibulares e metas, desvalorizando o debate político que possam ajudar os alunos a compreenderem melhor sua realidade em quanto sujeito transformador da sociedade. Esse debate é de fundamental importância para o desenvolvimento mais autônomo das adolescentes. Assim, Beauvoir afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*.(1967, p. 09).

Essas reflexões de Beauvoir ainda são atuais? Em que medida as adolescentes da periferia de Sobral conhecem e vivem o feminismo e a dominação machista em seu cotidiano? Qual o papel e alcance de uma oficina pedagógica sobre esse assunto na escola?

2.2. Lutas feministas: o legado dos anos de 1960

No pós-guerra das décadas de 1950 e 1960 foram oferecidos muito mais do que simplesmente mudanças no modelo de produção e consumo mundial, mas na própria maneira como nos enxergamos e enxergamos o outro. É neste período de “boom”

econômico e tecnológico que amplos setores da classe trabalhadora entram no mercado de consumo mundial e tem seu poder de compra aumentado. É a sociedade de bem-estar social.

Porém, mesmo com este rápido progresso econômico ainda existe insatisfações. Parece que os costumes arraigados na sociedade daquela época não conseguem dar cabo às novas necessidades subjetivas da juventude daquele tempo. O ano de 1968 pelo mundo foi o grande divisor de águas para este público que buscava mais liberdade e autonomia, assim como sair da polarização política entre EUA URSS. Neste contexto ganham espaços as lutas pela liberdade sexual feminina. Frases como “Faça amor, não faça guerra” tomaram os muros do mundo inteiro.

Era também um combate à autoridade e aos valores sociais e morais estabelecidos. A visão das mulheres, que eram vista até então como gênero historicamente oprimido, sofreram modificações radicais neste período.

Segundo, Bourdieu (1998) os dominados aplicam categorias construídas de acordo com o ponto de vista dos dominantes fazendo as relações de dominação ser vistas como naturais. Se antes a submissão da mulher ao homem era considerada como algo “natural”, com o tempo esse pensamento foi se reformulando. Atualmente não podemos afirmar que a submissão tenha acabado. Em especial as mulheres mais pobres que vivem de forma inadequada, e não detém tanto poder econômico e por falta disto são obrigadas a suportar abusos cometidos pelos seus parceiros. Exemplos disso são as humilhações e violências verbal, psicológica e física. No entanto, cabe ressaltar que o fato de muitas mulheres sofrerem com isto tem ligação intrínseca à dependência financeira, preservação da família, conhecimento sobre seus direitos e também pelas mulheres se acharem incapazes de reconstruir suas vidas perante a ausência do homem.

Contudo a batalhas pela igualdade de gênero em uma sociedade injusta, desigual e conservadora faz com que seja necessário repensar novas táticas e estratégias para que possamos alcançar o que é nosso por direito. Assim, Faludi destaca que:

Os avanços e os recuos das mulheres são geralmente descritos em termos militares: batalhas vencidas, batalhas perdidas, posições e territórios conquistados ou cedidos. A metáfora do combate não deixa de ter os seus méritos neste contexto e, obviamente, o mesmo tipo de relato e de vocabulário já deve estar aparecendo aqui. Mas ao imaginarmos o conflito em termos de dois batalhões claramente postados cada um do seu lado, estaríamos esquecendo a natureza tortuosa e intrincada de uma "guerra" entre

as mulheres e a cultura machista em que elas vivem. Estaríamos esquecendo a natureza reativa de um *backlash* que, por definição, só pode existir como resposta a outra força (1991, p. 20).

Mesmo diante das batalhas vencidas e perdidas como Faludi (1991) mencionou, não podemos nos esquecer dos processos que levaram a estas transformações e revoluções necessárias ocorridas durante os séculos XIX e XX. Nota-se que estas foram necessárias para que as mulheres conseguissem libertar-se, mesmo que ainda não totalmente, das correntes que as aprisionavam em uma sociedade marcada por ideias conservadoras, preconceituosas, machistas, que as excluía do processo de exercer sua cidadania, como mulher, mãe, esposa, trabalhadora, autônoma, estudante, revolucionária e feminista.

2.2.O que é ser uma mulher adolescente da periferia em Sobral - CE?

Acreditamos que a construção da identidade de um indivíduo se dá no contexto histórico, social e geográfico no qual ele se encontra e com o qual ele interage. Porém a sua construção é dialética no sentido que o indivíduo ao mesmo tempo em que se forma a partir das experiências concretas de sua realidade, também é protagonista na construção do espaço que o rodeia.

Segundo Hall (apud SOUSA e BRANDÃO, 2008, p. 03) na pós-modernidade a construção do ser de um indivíduo é dinâmico e articulado, não existe “[...] a identidade, mas identidades”. Ou seja, para conhecer a identidade da mulher adolescente da periferia é preciso compreender as construções destas identidades distintamente e como elas se articulam.

Sendo assim, Sousa e Brandão falam que “O fato de ser adolescente e não ser ouvido(a) pelos adultos e pela sociedade é acrescentado ao fato de ser mulher e morar na periferia”(2008, p. 8). Desta maneira, são combinadas tanto a opressão de classe como a opressão de gênero. Neste contexto, ainda podemos acrescentar a desconfortável situação de o adolescente viver um estágio de descobrimento, da passagem da infância para a vida adulta, por mais que diversos autores sustentem que esta passagem é uma construção mais social do que simplesmente biológica.

Neste sentido, as adolescentes vivem em uma situação de certa insegurança tanto por morar em um bairro periférico e sofrerem discriminação pelo local de onde vem, quanto por sentirem a necessidade de terem autonomia cuja perspectiva principal é

através do mercado de trabalho e por último, por muitas vezes, se sentirem inferiores devido à própria naturalização da opressão machista sobre as mulheres, na nossa sociedade.

3. Metodologia

Adotamos a pesquisa qualitativa entendendo que esta permite uma maior aproximação e compreensão de nossa problemática. Desta forma, Arpine (2003) vem afirmar que:

Entendida como processo dialético, a pesquisa qualitativa procura conhecer profundamente o fenômeno, marcar sua singularidade em cada discurso sem, contudo perder de vista sua generalidade, sua condição de produção e sua ideologia. (p. 83)

Haguette (1992) ressalta que os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão. Desta forma, compreende-se que a ação humana, interação social, e as transformações ocorridas estão interligadas a partir da história do passado e do presente.

Utilizamos também a pesquisa-ação. Ela possibilitou uma intervenção e compreensão da realidade juntamente com as adolescentes. A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada com a realidade e que procura unir a pesquisa, desenvolver o conhecimento e a compreensão dos fenômenos como parte da prática. Contudo este processo de investigação possibilita o pesquisador a interpretar a realidade de reflexiva e crítica.

Assim, a metodologia da pesquisa-ação é uma metodologia que estimula a participação das pessoas envolvidas na pesquisa e abre o seu universo de respostas, passando pelas condições de trabalho e vida da comunidade.

3.1. Procedimentos metodológicos

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho foi realizado um estudo bibliográfico juntamente com uma oficina pedagógica, com adolescentes da EEFM Professora Carmosina Ferreira Gomes, situada no bairro Sumaré, na cidade de Sobral - CE.

Iniciamos com um estudo de textos a partir de autores que definem o conceito e histórico sobre o feminismo, suas lutas e a dominação machista. Após isso, sintetizamos as ideias e apresentamos slides para debate em grupo.

Utilizamos a exibição de um curta-metragem chamada “Acorda Raimundo, acorda!” onde os problemas sociais que as mulheres enfrentam perante a sociedade são abordados usando recursos audiovisuais ao inverter os papéis estereotipados do homem e mulher. A partir disto deu-se início a uma roda de conversa onde foram levantadas as questões e confrontadas com experiências e visões pessoais das adolescentes.

Logo depois, foi aplicada uma oficina pedagógica com o propósito de compreender a visão das adolescentes em relação ao *Ser Mulher*, no passado e no presente, com objetivo de relacionar os conhecimentos da pedagogia com os direitos das mulheres. Foi utilizada também uma apresentação de revistas com imagens de mulheres no cotidiano para levar à reflexão do “modelo” de mulher de ontem e de hoje que buscam homogeneizar o comportamento feminino. Os recursos didáticos foram: caneta, papel A4, computador e data show. A oficina contou com ampla participação das adolescentes.

4. Resultados e discussão

Há dois anos mantemos contato com as adolescentes através de nossa atuação como professora substituta na escola do bairro. Através desta convivência tivemos a possibilidade de elaboração de uma oficina pedagógica que abordasse sobre esta temática. Depois desse processo de inserção à comunidade, uma delas solicitou um estudo mais sistematizado sobre o tema. Assim, logo depois demos início a um grupo de estudos sobre as lutas feministas. No grupo, abordamos temas relacionados com a realidade das pesquisadas, tais como: machismo, o papel da mulher contemporânea, ser mulher na periferia, a história da mulher e o estudo de gêneros.

No entanto, abordar o conceito, o histórico e as lutas do feminismo, não foi fácil. Primeiro, pelo fato de muitas desconhecerem este assunto. Segundo, por pensarem que este conhecimento não ira contribuir para suas vidas. Por último, ao se acharem desprovidas de poder econômico e intelectual, desacreditadas de si mesmas e com baixa auto-estima.

Isto demonstra que pelo fato de fazerem parte da periferia, da camada social mais empobrecida, as mesmas sofrem com a descriminalização e preconceitos, sendo que desta forma seu processo de identidade se dá de forma fragilizada. Percebe-se que muitas são estigmatizadas simplesmente por habitarem em um bairro periférico como também pelo modo de vestir, de falar e de comportar-se.

A abordagem deste assunto não foi à toa, pois falar sobre feminismo é abordar as desigualdades, injustiças, machismo, sexo, família, religião, igualdade de gênero, etc. São assuntos como estes que elas têm contato no cotidiano, se baseando no senso comum e, muitas vezes, não sabem como lidar com este processo através de um olhar crítico e reflexivo.

Levando em conta que as adolescentes estão no ensino médio e assuntos como estes são deixados de lado nas escolas é compreensível que elas desconheçam sobre o feminismo. Na maior parte das vezes suas mães não trabalham e possuem muitos filhos, muitas afirmam que quem manda em suas casas é o homem (pai) juntamente com os outros (irmãos) e cabe a elas juntamente com as mães a tarefa doméstica e, caso contrário, são punidas pelos homens-machistas da família, com violências físicas e simbólicas.

Mesmo neste quadro sombrio, paradoxalmente, muitas delas, apesar de não conhecerem conceitualmente a dominação machista, são contra a dominação e submissão da mulher. Sobre isso, uma das adolescentes pesquisadas afirma: “Eu não sabia dessas lutas das mulheres, só via que tem muita desigualdade, né. A gente às vezes não pode fazer as mesmas coisas que os homens.” (Joana)

Outra adolescente analisa: “Por mais que tenha sido necessário que as mulheres de antes fossem expostas como ridículas, as lutas delas não foram em vão. Se hoje nos achamos um pouco independentes, isso foi graças à elas” (Tati).

Embora a discriminação e o preconceito ainda estejam muito vivos no cotidiano das adolescentes pesquisadas, para muitas delas *ser mulher* significa aquela que “trabalha, estuda, ganha seu próprio dinheiro e não depende do marido. É aquela que não se submete as opiniões apenas para agradar seu companheiro”.

5. Considerações finais

Considerando que a pesquisa-ação deve ser colaborativa, entendemos que nosso trabalho foi exitoso, no sentido de conseguirmos tanto perceber as visões das adolescentes como também em compreender que ao ser expostas às histórias das lutas feministas contra a dominação machista, as mesmas assimilaram e incorporaram estas lutas como delas e verificaram a importância das mesmas para sua vida cotidiana.

Apesar das adolescentes viverem em um bairro considerado violento e predominantemente machista, suas concepções demonstram que a luta por independência não é algo totalmente desconhecido e em vão.

Identificamos o potencial de empoderamento que existe no ato pedagógico realizado através da oficina, pois, o outro objetivo alcançado reside no fato de termos conseguido desenvolver uma metodologia que foi capaz de dialogar com o com o nível de consciência das pesquisadas. Com a realização deste artigo pretendesse que temas como estes sejam abordados em todas as camadas sociais e que a escola seja um dos transmissores destas informações para as adolescentes. No entanto nota-se que as adolescentes são privadas do acesso destes temas, pois as maiorias das adolescentes desconheciam os contextos históricos das lutas das mulheres.

Entre todos os resultados obtidos na oficina pedagógica, o mais importante foi a reação de uma das adolescentes que, após os estudos e as discussões, levou os conhecimentos para a sua mãe e esta refletiu sobre a sua condição de *ser mulher* na sociedade, especificamente em seu bairro e na relação com seu marido e decidindo inclusive se separar do mesmo devido aos constantes abusos sofridos por ela. Percebemos que ainda existe um longo caminho a ser trilhado para erradicar o machismo no bairro pesquisado e na sociedade como um todo.

6. Referências

ARPINI, Dorian Monica. **Violência e exclusão:** adolescência em grupos populares. Bauru, EDUSC, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** Fatos e Mitos. Vol. 1. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** A condição feminina e a violência simbólica; tradução Maria Helena Kunher. - 1ªed.- Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não-declarada contra as mulheres; tradução de Mario Fondelli – Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992

Sites consultados

SOUSA, Ada Cristina Guimaraes de; BRANDÃO, Shyrlene Nunes. **Como é ser adolescente do sexo feminino na periferia?** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n1/v28n1a07.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2014

ARAÚJO, Liliane Batista; OLIVEIRA, Marília Lisboa de; ALMEIDA, Aline Maria de Castro. **Corpo, gênero e sexualidade**: um olhar sobre as percepções de adolescentes da periferia de Fortaleza - CE. Disponível em <http://www.ses.uneb.br/anais/CORPO,%20G%C3%8ANERO%20E%20SEXUALIDADE%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20AS%20PERCEP%C3%87%C3%95ES%20DE%20.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2014.